

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM: EM FACE DA SITUAÇÃO DE INAPETÊNCIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

JOANA D'ARC FERREIRA CAVALCANTE

Este trabalho se debruça sobre alguns aspectos que dificultam o desenvolvimento pleno do processo de ensino aprendizagem de crianças no ensino fundamental. São aspectos que fui observando ao longo de minha vida e que me foram apresentados pelos meus alunos ao longo de minha prática como professora de escola pública. Pretendo, com isso, comparar minhas experiências com as dos autores que já se debruçaram sobre o assunto e, quem sabe, criar novas estratégias capazes de minimizar as dificuldades de aprendizagem dessas crianças de forma a facilitar seu ingresso no mundo da escrita e da linguagem. Viso, principalmente a capacidade do professor de desenvolver habilidades para a formação de consciências capazes de mudar a realidade em que vivem, atuando como cidadãos livres, críticos e justos.

Palavras-chave: dificuldades de aprendizagem, educação, ensino fundamental.

ABSTRACT

This article focus on some aspects that create obstacles to the full development of children in the learning and teaching process. These are aspects that I have been observing along my whole life experience as a public school teacher. I intend to compare my experiences with some ideas of the authors that have wrote about difficulties in the learning and teaching process. I also mean to create new strategies that help children to be introduced in the universe of language. I look upon the abilities that teachers have to develop the children consciences helping them to become able to change the reality they live in, acting as free, critical and fair citizens.

Key-words: learning difficulties, education, fundamental teaching.

INTRODUÇÃO

Trabalhando como professora há 12 anos no quadro do município de Natal-RN, sinto-me um tanto angustiada com alguns dos resultados negativos adquiridos ao longo de minha prática como alfabetizadora. Esta angústia motiva a elaboração deste trabalho. Questiono, como Nonad:

O que faz o homem ser homem? Verifico que isso está vinculado por parte à sua cultura e por outra ao seu genoma, é claro. Mas quais são os limites genéticos da cultura? Não sabemos absolutamente nada. Qual seu bloco genético? Isso é lamentável porquanto é esse o mais apaixonante e o mais fundamental de todos os problemas. (Apud CABRAL, 1979, p.53)

É impossível, como educadora, refletir acerca da genética na formação dos meus alunos, mas é fundamental, refletir acerca da cultura e de como eles a adquirem e a desenvolvem, em parte, na escola. Ou melhor, refletir sobre as melhores formas de desenvolver esse aspecto cultural na formação geral de nossos aprendizes.

Apresento, aqui, um levantamento das principais questões que cercam os problemas de aprendizagem apresentados pelos meus alunos ao longo de minha prática como professora de escola pública. Pretendo, com isso comparar minhas experiências com as dos autores tais como Silva (2003) e Bossa (2000)), que já se debruçaram sobre o assunto e, quem sabe, criar novas estratégias capazes de minimizar as dificuldades de aprendizagem dessas crianças de forma a facilitar seu ingresso no mundo da escrita e da linguagem. Viso, principalmente, a capacidade do professor de desenvolver habilidades para a formação de consciências capazes de mudar a realidade em que vivem atuando como cidadãos livres, críticos e justos.

As dificuldades de aprendizagem têm diversas origens que podem ser resumidas em:

- ❖ Dificuldades externas à criança
- ❖ Dificuldades inerentes à criança

Penso, como Bossa, que:

A identificação dos problemas de aprendizagem escolar requer uma intervenção especializada. Muito embora o aprender seja um processo natural, resulta de uma complexa atividade mental, na qual estão envolvidos processos de pensamento, percepção, emoções, memória, motricidade, mediação, conhecimentos prévios, etc (2000, p. 12)

Muitas vezes, o professor não está preparado para reconhecer e indicar os melhores caminhos para o aprendiz poder superar suas dificuldades. Assim, espero, com esse trabalho, pelo menos, dirimir algumas das dúvidas que cercam a minha própria prática e, com isso, contribuir para uma reflexão acerca dos problemas que cercam crianças e jovens durante o processo de ensino-aprendizagem.

Neste trabalho discutirei alguns aspectos gerais das dificuldades externas e internas à criança baseando-me nessa divisão que apresento aqui e segundo essa ordem. Antes disso, porém, traço um brevíssimo histórico sobre os problemas da educação ao longo do tempo.

1 PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO – um breve histórico

Em toda a história da humanidade sempre houve uma maneira de ensinar e aprender. A princípio mais ligada à família, sob a responsabilidade de pais e mães, depois, aos poucos, legada a lugares específicos, como a escola dos nobres no Egito antigo, ou aos escravos na Grécia. Na Grécia os filósofos elaboraram o método interessante do diálogo, comum nas academias e verificável, por exemplo, através dos diálogos socráticos em que assuntos gerais como o amor, eram discutidos por mestre e discípulos.

Na Roma Imperial, os escravos ilustrados viravam preceptores e educavam os filhos das famílias mais abastadas; eram os preceptores.

Mas, em geral, a educação não era guiada por princípios rígidos, voltava-se, principalmente para a função de formar seres de acordo com a sua função social, fosse ela servir ou guerrear, mandar ou obedecer.

Na Idade Média, desenvolveu-se uma escola vinculada a preceitos religiosos, voltada para a vida na corte ou para a função na igreja, de forma que sua clientela eram principalmente os nobres e os religiosos.

Assim, a educação esteve sempre voltada para a formação do homem de acordo com a sua função social, nunca para torná-lo um ser livre, independente e autônomo.

No século XVIII Rousseau propõe um novo modelo educacional que dê mais liberdade ao indivíduo e respeite seu desenvolvimento físico e psicológico. Ao longo do século XVIII, XIX e XX surgem, então, inúmeras teorias educacionais que propõem um maior respeito aos saberes adquiridos fora da escola, ao desenvolvimento do ser e à sua formação plena.

A Revolução Industrial teve um grande impacto nessa mudança, não só porque mudou o perfil das sociedades, mas porque mudou a organização da própria família. A partir dela as mulheres entram de forma cada vez mais forte no mercado de trabalho, a princípio, sujeitas a longas cargas-horárias, que a tiravam do seio familiar e a afastavam dos cuidados com os filhos. Esses, por sua vez, dependendo do estrato sócio-econômico da família eram, também, muitas vezes, obrigados a entrar ainda crianças no mercado de trabalho, sujeitos a uma carga pesada incompatível com a sua faixa etária.

As reivindicações trabalhistas e o movimento feminista, entre os séculos XIX e XX também alteram muito o perfil da educação. A escola passa a ser cada vez mais responsável pela formação moral e social da criança. A educação passa a defender cada vez mais a co-participação dos pais no processo formativo e escolar das crianças.

Segundo Vigotsky, o pensamento não é nativo, ou seja, não nasce com a criança, é construído através de um processo sócio-cultural e a formação da consciência está intrinsecamente ligada à experiência laboral e à sua interação com o grupo. Piaget, por sua vez, demonstrou as diversas fases da aprendizagem por que passa o ser em formação.

Mas os problemas proliferam. A educação escolar não consegue fugir ao fato de estar mais voltada para as funções sociais a serem desempenhadas pelos jovens, principalmente no Brasil que, como país periférico, sempre adotou modelos educacionais importados e pouco adaptados à realidade nacional. Perfil que só vem mudando há poucas décadas.

2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

2.1 Aspectos de caráter externo à criança

Entre as dificuldades externas estão as que são causadas por fatores tais como: falta de estrutura no ambiente comunitário (bairro); falta de estrutura na própria escola; aspectos de caráter econômico da família. Esses fatores podem influir, e geralmente influem, na conduta do aprendiz e geram entraves ao seu envolvimento com o ato de aprender.

Uma dificuldade bem evidente é a dissociação da escola com o mundo do aprendiz. A cara séria e radical da escola que cobra comportamentos estranhos ao seu dia-a-dia deixando o aprendiz tenso e fragilizado. A escola parece estar em defasagem em relação ao mundo do aprendiz porque não evoluiu ainda para um processo de ensino-aprendizagem que priorize o prazer de aprender, utilizando-se do lúdico como fator de sedução e de estímulo constantes para o aprendiz, embora esse fator seja pregado desde o século XVII, pelo menos, através das idéias de Rousseau. Muitos outros teóricos ao longo do tempo, tais como Snyders, pregaram a necessidade da escola de fazer uso da alegria como instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Mas a escola ainda não aprendeu a lidar bem com o lúdico, concentrando seu uso apenas nas séries pré-escolares, incomuns na escola pública, e evitando seu uso a partir das séries mais elevadas do ensino fundamental e no ensino médio. Esse fator interfere, por exemplo, na visão da leitura como um ato prazeroso. Se a leitura é tida como uma obrigação escolar, com o uso de textos que não digam respeito ao universo do aluno, ou com o fim único de preencher questionários, o que

poderia ser um prazer e uma viagem pela imaginação, torna-se um ato desinteressante, monótono, chato.

Dificuldades de origem social também excluem a criança do ambiente escolar. A falta de suporte financeiro das famílias tira da criança direitos básicos como teto, amor, alimento, saúde, lazer. A ausência desses elementos no todo, ou em parte, impossibilita a construção da visão da criança sobre si como um indivíduo pleno de direitos e a exclui do ambiente escolar porque leva à falta de esperança e de sonhos de futuro. Esse tipo de problema de caráter, acima de tudo, público, tira da criança todo e qualquer estímulo para pendores como artes e conhecimentos. O auxílio do governo através de bolsas minimiza mas não resolve o problema e gera outros, pois as famílias tornam-se dependentes da renda oferecida pelas organizações governamentais, ou não, e em geral não desfrutam, como deveriam, de um programa que, além de dinheiro, deveria oferecer possibilidades de auto-sustentação e de reestruturação e inclusão social dessa família como um todo.

A educação plena é direito primordial do indivíduo e o que vemos é que isso não é cumprido nem em nosso país nem em muitos outros. Há aqueles que, por alienação ou preconceito, acham que as crianças não estudam simplesmente porque não querem. Mas vemos poucas oportunidades para os jovens mais carentes e pouco compromisso político para solucionar esse problema.

Outro lado dessa moeda de três faces (aluno, professor, escola), o professor não tem sua formação real valorizada. Sem falar na péssima remuneração que o obriga a preencher todos os seus horários com aulas de forma a ganhar um salário suficiente para as suas necessidades. Dessa forma, ele acaba por não conseguir se debruçar o suficiente sobre as próprias dificuldades, adquirindo novos conhecimentos e novas estratégias de trabalho. A ausência dessa formação continuada acaba por torná-lo um professor acomodado ao

sistema tradicional, empurrando conteúdo básico e alheio ao prazer que o processo ensino-aprendizagem pode proporcionar.

A escola também sofre com esses problemas, pois não se estabelecem projetos e programas educativos contínuos ou completos. Todos eles acabam por se apresentar “truncados” em alguns aspectos, seja no apoio ao professor, à criança ou à família.

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), o artigo 21 afirma a finalidade geral da educação que tem por base o desenvolvimento integral da criança até seis anos em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. Mas há escola apenas agregando e guardando crianças, às vezes até com violência e rigidez.

Há muitos discursos bonitos a respeito da educação, mas apesar dos programas sociais, pouca coisa de bom tem mudado no processo educativo. E se vê um empurra - empurra da criança ao longo dos ciclos de forma que ela acaba chegando à Universidade sem dar conta de noções básicas que deveria ter aprendido ainda no Ensino Fundamental.

Assim, é preciso investir mais na criança, é preciso formar e valorizar os profissionais da educação, é preciso apoiar a família nesse processo e, para tudo isso, é fundamental mudar a “cara” que a escola apresenta. Essa mudança que a escola demanda inclui o respeito à diversidade culturais e aos ritmos de aprendizagem individuais. Enfim, é preciso ainda fazer muito, criar muito, para conseguirmos alfabetizar e educar com plenitude.

2.2 Dificuldades inerentes à criança

Henri Vallon (1849-1960), médico francês, desenvolveu estudos sobre o desenvolvimento infantil enfatizando a plasticidade do cérebro. Ele propôs o estudo integrado da motricidade e da inteligência. Para ele, o desenvolvimento da inteligência depende de experiências oferecidas pelo meio e o grau de apropriação que o sujeito faz dela. Isso se dá de forma descontínua, sendo marcada por rupturas e retrocessos. Em cada estágio do desenvolvimento acontece uma reformulação e particular interação e não apenas uma reorganização entre os conhecimentos adquiridos.

Há o estágio emocional até os dois anos de idade. Uma fase sensório-motora (olhar, pegar, andar), explorando o ambiente. Nesse estágio o cognitivo se diferencia do afetivo.

Há, depois, o estágio sensório-motor, de dois a três anos, Além de intensificar a interação com o meio. A criança consegue fazer representações significativas e reconhece símbolos, sendo capaz de identificar palavras. Nessa fase há uma busca do objeto, há o contato com o real.

Numa terceira fase, entre os três e os seis anos, temos o personalismo. A criança começa a construção da consciência de si. Nessa fase mais relações afetivas se estabelecem e há uma diferença entre inteligência e afetividade.

O estágio categorial, a partir dos 6 anos, imprime relações com o meio dando mais visibilidade ao aspecto cognitivo, à busca de conhecimentos.

Já para Leve Semenovich Vygotsky (1869-1934) o funcionamento psicológico estrutura-se através das relações sociais que se estabelecem entre o indivíduo e o mundo exterior dentro de um contexto histórico no qual a cultura tem papel fundamental. Nessa

relação, a cultura desenvolve um sistema de símbolos e representações da realidade, construindo uma certa ordem que permite a abstração e a interpretação do mundo.

Piaget, ao contrário de Vygotsky, dá ênfase ao brinquedo, ao faz de conta com que a criança, na sua representatividade, pode “ simbolizar” e ver o objeto e seu significado, ponto importante para o desenvolvimento do pensamento. Dessa forma, a criança se desvincula de situações concretas e é capaz de se abstrair e aprender com as outras crianças. Piaget indica o lúdico como uma forma curiosa de adquirir o conhecimento.

O fato é que nesse processo de desenvolvimento da criança, uma série de fatores podem surgir. De acordo com Bossa: “Assim como a febre pode ter várias origens, os problemas de aprendizagem escolar também. Um mesmo problema pode ter várias origens.”(2000, p. 76). Fatores inerentes à própria criança, desde algum desequilíbrio químico, cerebral até alguns aspectos físicos que podem impedir, atrasar ou compor obstáculos no processo de ensino-aprendizagem.

Sabemos que, conscientemente, ninguém sofre por que quer. Sabemos também que o problema de aprendizagem escolar sempre traz sofrimento. Sofrimento este, que muitas vezes é camuflado, através de comportamentos que sugerem desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, etc. A criança ou o adolescente muitas vezes prefere acreditar , e fazer os outros acreditarem, que vai mal na escola porque é desinteressado. Aceitar que não entende a matéria, para esses jovens significa ser “burro”. Quando nos sentimos “burros” ferimos o nosso narcisismo. Podemos dizer que o narcisismo é o nosso amor próprio. Um sentimento que nutrimos por nós mesmos e que, na medida certa, é muito importante para a nossa saúde mental. (BOSSA, 2000, p. 13)

Os fatores físicos podem ser visuais, motores, auditivos. São aspectos que exigem um posicionamento diferenciado da escola e do professor. A infra-estrutura da escola precisa estar adaptada para as crianças que apresentam algumas dessas dificuldades. Mas, acima de tudo, o professor precisa estar preparado para lidar com essas crianças. Respeitando seu modo de aprender, aprendendo não só novas formas de comunicação (como a língua de sinais, por exemplo), mas sabendo como desenvolver o melhor relacionamento dessas

crianças com os demais colegas na sala de aula. Tudo isso exige do professor tempo e dedicação, o que esbarra nos problemas de caráter externo sobre os quais discorreremos no capítulo anterior. A criança, por exemplo, pode achar que ir à escola não é importante, porque seus pais não sabem como afirmar essa importância. Eles próprios não foram à escola. Ou a criança pode não aprender por ter dificuldades em lidar com a vida, algumas vezes, porque os pais, ao tentar acertar, não souberam desenvolver os limites necessários para a vida na coletividade e a criança não apresenta disciplina necessária para crescer e aprender. Questões emocionais interferem muito no processo de ensino –aprendizagem. A criança pode não gostar da escola porque esta a afasta da mãe. Mesmo assim, só podemos indicar a complexidade dessas relações e a sutileza desses olhares se pensarmos o que? Como? Para que ensinar?

Problemas de caráter psicológico, ou químico, tais como dislexia, paralisia cerebral, síndrome de Down, retardamento mental, hiperatividade, ou mesmo, distúrbios de atenção, exigem também muito da escola e do professor. Há os problemas mais evidentes, que são imediatamente identificados pelo professor e pelos demais profissionais da escola, mas há aqueles que são de difícil identificação, como a hiperatividade e o distúrbio de atenção e que acabam por dificultar o desenvolvimento da criança na escola. Pois, por não ficar parado, por não conseguir se concentrar, a criança acaba sendo tachada de agitadora, de incapaz ou de “burra”. Essa exclusão implícita, isola a criança da comunidade dos que fazem sucesso e a coloca na comunidade dos que são fracassados. Ao introjetar isso, a criança acaba por se revoltar e pode se tornar, de fato, um sociopata. Ou seja, um sujeito cuja revolta se direcione para os próprios colegas, para a família, para os professores ou para a comunidade. Estudando o Distúrbio de Déficit de Atenção (DDA), por exemplo, Silva afirma:

Quando pensamos em DDA, não devemos raciocinar como se estivéssemos diante de um cérebro “defeituoso”. Devemos, sim, olhar sob um foco diferenciado, pois, na verdade, o cérebro DDA apresenta um funcionamento bastante peculiar, que acaba por trazer-lhe um comportamento típico, que pode ser responsável tanto por suas melhores características, como por suas maiores angústias e desacertos vitais. O comportamento DDA nasce do que se chama *trio de base alterada*. É a partir desse trio de sintomas – formado por alterações da atenção, impulsividade e da velocidade da atividade física e mental – que se irá desvendar todo o universo DDA, que, muitas vezes oscila entre o universo da plenitude criativa e o da exaustão de um cérebro que não pára nunca. (2003, p. 20).

Os professores precisam estar aptos a lidar com essas diferenças presentes na sala de aula. Para estar aptos, precisam ter acesso a conhecimento e a novas estratégias de ensino, imbuídos da necessidade da formação continuada. Nenhum professor ou outro profissional é onipotente, precisam de parceria contínua até sentir minimizado os problemas no processo de ensino-aprendizagem. Para tal, esses profissionais precisam ter incentivos financeiros e sociais que valorizem a sua formação e lhe propiciem tempo para isso. Enfim, tudo isso, depende de esforços políticos que independem das ações individuais dos professores. Entramos, assim, num círculo vicioso em que a escola se vê inserida há séculos mas do qual vem tentando sair.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre a prática educativa é sempre um pensar complexo. Pensar sobre as causas e as conseqüências das dificuldades de aprendizagem não é diferente. Existem diversas causas que podem estar ligadas a questões sociais, a questões escolares, a questões profissionais, econômicas ou mesmo a questões inerentes à própria criança. Cada uma dessas causas exige respostas diferentes, novas adaptações da escola, novos posicionamentos do professor, novos conhecimentos a serem adquiridos e postos em prática no dia-a-dia da sala de aula.

O fato é que, ao longo do tempo houve pouco espaço para uma educação preocupada com a formação ou a construção de consciências ou sabedorias autênticas voltadas para a autonomia pessoal. Em geral, buscava-se apenas a formação de um ser preocupado em seguir as normas sociais, atento à higiene e à saúde e, muitas vezes, distante de sua realidade e alienado do seu mundo, recheado de preconceitos e recluso em bases morais falsas e cruéis.

É desafio da escola atual a formação plena do homem, voltado para o coletivo e ativo em seu meio, que saiba ler, interpretar, expor seu pensamento, argumentar, dirimir suas dúvidas; capaz de adaptar-se a novas realidades porque as verdades hoje são plásticas e mutáveis.

É preciso, pois, a elaboração de uma didática vinculada à cultura e à realidade dos alunos, mas que traga também magia e sedução capazes de abstrair as crianças de seus mundinhos fechados e voltá-las para o interesse dos conteúdos escolares, de quem eles estão cada vez mais longe.

Essa é a didática que almejo para mim e para o mundo. Foi sobre isso que tentei articular o meu pensamento neste artigo e sei que não consegui pensar em tudo, mas considero este artigo o começo de uma reflexão e de uma mudança.

REFERÊNCIAS

- BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CABRAL Álvaro. (Org.). **Teorias da linguagem, Teorias da aprendizagem: debate com Piaget e Noam Chomsky.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1979.
- CRADLY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** . Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FONTANA, Roseli, CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 34 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes inquietas.** 7 ed. Rio de Janeiro: Napades, 2003.
- SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova psicolinguística da leitura.** 4 ed. São Paulo: Cortez.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita.** 8 ed. São Paulo: Cortez, s/d.
- SOARES, Magda. **Letramento – um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- TFOUNI, Leda Verdiant. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.